

O enternecer do nome
(A fixidez errante do pai)

Ao lidar com o discurso sobre as ações humanas, o analista se vê atingido por moldes estabelecidos a partir da repetição dos hábitos numa cultura, como os que separam o ato racional do emocional. Trata-se de uma divisão que não serve para ambientar a escuta do analítico, pois o maniqueísmo não atende ao significado ético da Psicanálise. O que dimensiona o analítico acompanha outros parâmetros, cujos marcos delimitam o que Lacan chamou de sujeito do inconsciente, como a mais expressiva contribuição freudiana para o sentido da subjetividade, tendo-a colocado a partir do estabelecimento pulsional, cuja constituição faz germinar o percurso das representações e o que dele resta como letras incrustadas na carne do falante.

Lacan mostrou o quanto é apropriado escutar essa subjetividade segundo o viés instaurado pelo nó borromeano, cuja referência é o entrelaçamento de três registros que levam o analista a considerar uma variedade de categorias presente na qualificação discursiva de um analisante. A partir desse tipo de nó, o analista será autorizado a escutar o seu analisante, até para levá-lo por um percurso articulado pelo inconsciente que se forma em confiança às pontuações na análise. Assim, o sujeito do inconsciente não deve ser visto como sinônimo de algo abismal, mas sim como um lugar sustentado pela fundação da transferência numa análise, cuja expressão mais comum é a indicada na demanda simbólica dirigida ao analista. Trata-se da confiabilidade transferencial que institui o sentido conceitual do inconsciente, cuja localização, na Psicanálise, coloca em questão o marco em torno do qual gira a sustentação teórica do analítico que depende do discurso articulado pelo analisante. Em vista disso, qualquer valor nocional do analítico é necessário que venha da produção discursiva do analisante na clínica. Essa é a compreensão de que cabe ao analisante vir a ensinar a Psicanálise, na forma como Freud pôde elaborar a formalização teórica que deu conta do analítico. Foi por isso que Lacan (1962-63) asseverou:

Afinal, é na medida em que um saber é constituído num trabalho de elaboração da análise, o qual diremos mais comunitário do que coletivo, entre os que têm a experiência dela, os analistas, que se

torna concebível um trabalho de agregação que justifique o lugar passível de ser assumido por um ensino como o que se faz aqui.

Um exemplo do que polemiza a dependência da formalização à clínica é o termo “estrutura subjetiva”, pois não atende aos rigores exigidos numa análise, ao se referir ao que é edificante, e não dá margem ao destino instaurado pela formulação borromeana, cuja medida coloca em constante mobilidade o Real com o Simbólico e com o Imaginário. Enfim, mesmo sendo certo que a formalização borromeana seja apropriada para afiançar a subjetividade inconsciente, em suas particularidades relacionadas ao analítico, alguns críticos vêem nessa formalização uma espécie de frouxidão conceitual, sugerindo que se use o termo “estrutura” de uma maneira mais assertiva, visando à efetiva divulgação da Psicanálise.¹ A principal alegação é a de que os termos que envolvem o analítico com o manto conceitual não devem se afastar da precisão, cujos frutos trarão a semente da perenidade. A esse respeito, dizem que a mobilidade advinda do enodamento borromeano levará a Psicanálise a ter um destino incerto.²

Em resposta a essa visão crítica, o qualificativo da Psicanálise vem mostrar que a perspectiva pulsional não prescinde da proporção borromeana. Isso ocorre até mesmo porque as representações relacionadas à alteridade primordial e submetidas ao recalque seguem um trajeto em que sofrem alterações significativas até chegar à articulação discursiva. Daí, a subjetividade inconsciente não pode ser considerada a partir de uma delimitação que não veja nessas alterações uma importância nomenclatural a ser registrada conceitualmente. No caso, o afetivo que se separa do ideativo, conforme a ação do recalque, não precisa ser amparado pelo maniqueísmo do emocional que difere do racional. As moções subjetivas que são expressas na cursividade da fala de um analisante deverão ser acolhidas no ambiente borromeano, oferecendo-lhe condições para revelar a verdade da angústia como afeto que não engana.

O discurso apresenta as ações no sentido de o analisante **ensinar** sintomaticamente a Psicanálise ao seu analista, através de seu **ensinei** imaginário, entrecruzando-se com o **ensinado**

¹ A respeito do termo “estrutura”, ver de Lacan “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade” (1960).

² Ver “A estrutura, o imaginário e a psicose”, Carlos R. S. dos Santos, Escrita Psi, Vol 1, nº 1, 2002, Revista da Universidade Potiguar – Departamento de Psicologia. Nesse artigo é feito um desenvolvimento a respeito do termo “estrutura”, mostrando o quanto se adapta mais apropriadamente aos parâmetros conceituais relativos ao imaginário na psicose, conforme a produção delirante.

simbólico e permitindo o enodamento borromeano do **ensinante** real, para ambientar o **ensino** do objeto “pequeno a” como produto ou resto da execução discursiva. Por conta disso, o “enternecer” que consta no título desse artigo, cujo significado se refere ao afetivo, é a mostra do estabelecimento sintomático do analisante tomado como elemento conceitual que ambientará a causa de desejo concernente ao resto discursivo, o qual é dimensionado a partir do ambiente criado pelo enodamento borromeano. Trata-se do verbo que encerra a borromeidade, cuja expressão afetiva é usada para designar uma característica do nome, cuja repercussão designa o estatuto da função paterna em relação à angústia pela presença do objeto “pequeno a”.³

A respeito do uso da linguagem com valor conceitual, Lacan asseverou sobre o caso de se levar a público as suas concepções sobre o pai, num seminário que ressaltou a articulação discursiva em que ocorre a ênfase no deslizamento do significante, através da polissemia de uma frase. Trata-se do seminário de 1973/74, *Les non-dupes errent*, costumeiramente traduzido por “Os não-tolos erram”, que designa a concepção de que o saber em demasia para tornar-se um “não tolo”, por indução de uma atitude que procura entender o discurso do analisante, leva ao erro. No caso dessa tradução, é preciso que haja o deixar-se soterrado pela tolice para cultivar-se o acerto. Deve-se reconhecer também que esse seminário trata dos primeiros acordos do enodamento borromeano para caracterizar a subjetividade inconsciente, mas de uma maneira que salienta a homofonia com *Les noms du père errent* (“Os nomes do pai erram”) como uma retomada do que ficou em suspenso desde a última lição do seminário sobre a angústia (1963), tendo em vista o fato de Lacan interromper a referida ordenação por conta de sua expulsão da Escola ligada à Associação Internacional de Psicanálise, da qual participava.⁴ Daí ele apresentou um seminário sobre os conceitos fundamentais da Psicanálise, sem antes deixar de frisar que se sentia tão excomungado quanto o fora Espinoza pelos rabinos e pelos padres. Em vista disso, Lacan acentuou nesse seminário o lado cômico que havia em ele ter sido tratado como um objeto de troca. Tratou-se de uma interpretação condizente com o que havia desenvolvido no seminário anterior a respeito da angústia de castração (- φ) e da presença do objeto “pequeno a”. No entanto, esse não é o ambiente

³ A presença do objeto “pequeno a” e não a sua ausência é um dos principais estabelecimentos de Lacan no seminário “A angústia” (1962/63).

⁴ No seminário de 1962/63, Lacan ambientou o pai com princípios que iam além dos que designavam o rigor fálico presente no sentido dado ao limite edípico, apresentando um certo enternecimento do nome que, em 1973, teve uma base borromeana.

que Lacan irá usar, em 1973, para tratar dos nomes do pai, mas sim o do nó borromeano. Assim, o nó borromeano e os nomes do pai foram os temas que nortearam Lacan em suas observações a respeito da inclinação do analista, a qual se efetiva a partir da escuta do analítico numa análise.⁵

A subjetividade inconsciente deverá ser considerada pela mobilidade dos registros que a compõe, com respeito aos nomes do pai, enfatizados com o toque no sentido dado ao domínio do enigma. Já alguns leitores da Psicanálise tendem a recusar tais caminhos, baseando-se num relato do tipo prático em que a subjetividade vira o sujeito pessoalizado e os nomes do pai são drenados para a atuação paterna que envolve unicamente a provisão dos filhos. É a recusa dessa forma de leitura que se coloca como propulsão para Lacan associar o nó ao pai, de modo que o “não tolo” e o nome do pai não se referem exclusivamente à ausência da tolice que dimensiona uma forma de saber, conforme o conhecimento operacional, mas ao tanto que a tolice diz respeito a algo semelhante ao processo migratório de pássaros, pois *dupe* pode se amparar no nome relativo ao que tem uma mobilidade repetitiva e regular do simbólico (nomadismo), tal como é considerado pelo imaginário.⁶ Nessa migração é dimensionado o nomadismo presente nos tempos primevos.

Em vista disso, acompanhando o pensamento de Freud a respeito dos precipitados filogenéticos na ontogenia, ao se tratar do signo como o simbólico do imaginário, vê-se que o seu registro na formação primeva da linguagem se refere à migração que acentua o que fora vivido nos tempos ágrafos pelos hominídeos nômades. No entanto, houve um golpe definitivo no campo da linguagem, pois o declínio do deslocamento desses pequenos grupos gerou o aterramento da maioria em comunidades, a qual era composta pelos que criaram “musgos” nos pés. Dessa forma, quando Lacan recolheu o broto da linguagem para conceituar o analítico, estava colocando um marco paterno em tomo do nomadismo, mas, também, designando os nomes do pai como alternativa para o matriarcado que fora amparado pela germinação da Mãe-Terra, considerando a fixidez fálica. Nesses termos, o pai é nômade e aterrado, de modo que os emusgados erram, pois não têm que acertar, além de estar sempre demandando o estado de errância tal como antes existiu.⁷ Por isso, o

⁵ No seminário “A angústia”, Lacan contextualizou o objeto “pequeno a” no esquema ótico que desenvolveu no seminário de 1953/54 (Os escritos técnicos de Freud). Trata-se do mesmo esquema que, em 1960, Lacan usou em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade”.

⁶ No desprendimento literal do título do seminário de Lacan (1973/74), a sugestão nesse artigo é a de que *Les non-dupes errent* seja lido como “A fixidez errante do pai”.

⁷ Foi o não ter que acertar que levou os hominídeos a recepcionar o desprendimento do significante na vocalização de um sentido que se deduziu pela regularidade natural.

pai é um marco que se refere ao que mais está em movimento, ou seja, à prática de falante no contexto de uma linguagem, cuja fixidez não impede a errância.

Em relação ao que a linguagem traz como marco que nunca está fixado no lugar ponderado pela regularidade perene, Lacan indicou uma dupla orientação da subjetividade inconsciente (levógira e dextrógira), a partir do real que cobre o simbólico e fica submetido ao imaginário. Trata-se de realizar o simbólico do imaginário, como o desígnio do misticismo religioso mobilizado pelo que o signo representa: os pés fincados sempre no **mesmo lugar**.⁸ É a partir dessa realização que se simboliza o imaginário do real na pontuação do analítico. Trata-se da falta, como suporte que alteriza a subjetividade, enquanto **outro lugar**, tendo como efeito imaginarizar o real do simbólico, numa matematização que indica a ocupação das letras e revela o **lugar outro** da linguagem. Noutra orientação, do real vem o imaginário do simbólico da inibição, não sendo mais do que ficar onde se está, referindo-se ao **mesmo lugar**. Em seguida, a angústia da intromissão real no imaginário atende à intensidade do movimento para o **outro lugar**. Por fim, dá-se o simbólico do real como sintoma, designando a terceira margem do **lugar outro**.

Palavras cruzadas a respeito da germinação do Nó Borromeano

	Realizar	Simbolizar	Imaginarizar
Levógiro	S do I – O signo como o lugar em que se tem os pés fincados. É o mesmo lugar. Misticismo	I do R – É a confrontação da falta como suporte que alteriza a subjetividade a partir do outro lugar. Psicanálise	R do S – É a letra relativa ao mínimo que se incrusta na carne e mostra que há um lugar outro. Matemática
Dextrógiro	I do S – É a inibição como defesa do quanto é melhor não sair de onde se está. Inibição (aterramento)	R do I – É a angústia, cuja apresentação no esquema corporal indica a força do outro lugar. Angústia(nomadismo)	S do R – É o sintoma em função da ek-sistência relativa ao sentido da alteridade primordial. Sintoma(3º margem)

O emusgamento nômade ou a fixidez errante do pai entra no contexto desses dois modos de enodamento ao atender o que se coloca nas várias formas que dimensionam o sentido do lugar topológico da subjetividade inconsciente. Trata-se da proporção colocada pelo fálus, em sua dimensão simbólica, e pelo traço (S1) que se afasta da profusão significativa (S2) como dois

⁸ É o registro de que o signo tem uma grande importância na forma como os homínidos cultuaram o solo e os deuses, caracterizando os primeiros acenos da Metempsicose como transmigração da essência de um corpo para um outro.

elementos que apontam para a exterioridade caracterizada pelo nomadismo, mas que colocam o sentido da subjetividade que se encontra “emusgada” no lugar estabelecido pelo falo (Φ).⁹ Por conta disso, a relação criada entre uma pessoa e seu discurso caracteriza-se pela triangulação que envolve o lugar enunciativo (mesmo lugar) e o lugar para onde se faz o endereçamento das demandas (outro lugar). Já o lugar outro que não é contado, cuja margem é a medida do enigma sobre o pai, será a própria travessia.

O fundamento é o da fixidez errante do pai que se revela com muita exuberância discursiva quando sofre a ação foraclusiva, pois, com o recalque, ganha-se espaço numa certa competência sintomática, cuja dimensão pode até levar alguém a obter sucesso num dado momento e num certo lugar. Na psicose, a fixidez errante do pai impulsiona uma pessoa tanto a praticar um nomadismo no espaço público, levando-a a executar um trajeto repetidas vezes, quanto a praticar a fixidez delirante da erotomania. Assim, a exigência fálica e a do significante mestre são imaginariamente cumpridas no estar fora do circuito onde estão os outros. Nesse sentido, o analítico na psicose prescinde da instituição criada a partir do movimento do significante mestre, tem o risco de vir a gerar uma produção delirante articulada ao nomadismo no meio público.¹⁰ Por isso, o analista tem que acompanhar a fixidez errante no discurso do psicótico, articulando-a aos nomes do pai, mas da maneira como é possível ser feita (suplência).¹¹ Daí, a foraclusão tem esses dois lugares para atuar, compondo procedimentos delirantes diferentes, mesmo tendo equivalências na estabilização subjetiva.

A fixidez errante do pai teve um lugar também significativo na apresentação de um sonhado, a partir do qual uma pessoa revelou que tinha uma tatuagem de um dragão alado. Nesse sonhado, essa pessoa estava numa montanha, esperando que a sua mãe-dragão lhe trouxesse o alimento. Disso veio-lhe a recordação de um documentário sobre uma pesquisa arqueológica a respeito de um achado nas montanhas da Romênia, nas quais foi encontrada uma cena de batalha entre dragões e

⁹ Esse duplo registro que concerne ao pai, já se apresentava no contexto da lenda de Édipo, a qual foi mostrada por Freud como um elemento crucial na formação da subjetividade. Há, no “Édipo Rei” de Sófocles, uma fixidez errante que concerne ao pai, pois tanto representou um marco definitivo em Tebas, quanto nomadizou os seus passos antes e depois de ser considerado um rei.

¹⁰ O mais expressivo exemplo que une o nomadismo com a psicose é o da literatura de Cervantes, construída a partir do “Cavaleiro da Triste Figura”, Dom Quixote. Dessa forma, a suplência não era tanto pelo delírio salvacionista do fidalgo cervantino, mas pelo seu deslocamento territorial.

¹¹ Trata-se de um conceito fundamental que Lacan elaborou no Seminário “O sintoma” (1975/76) para instituir um valor ao delírio psicótico.

homens mercenários que foram contratados por criadores de ovelhas na Idade Média. Voltando à tatuagem, essa pessoa afirmou que a fizera quando era adolescente, logo após a separação dos pais, realizada com a saída do seu pai para viver com outra mulher. Essa mulher, desde então, foi caracterizada, pela mãe da pessoa que sonhou, como rapariga, safada e, completando o conjunto das imprecações, dizia que ela era tão enfeitada e brega como uma *Drag-Queen*.

A respeito da geração “dragônica” foi relatado pela pessoa que sonhou particularidades de vários registros culturais, os quais estão situados em diferentes localidades; na China antiga, por exemplo, existia o dragão aquático e nas montanhas antigas os que voavam. O que os distinguia dos outros animais era o fato de não terem sido atingidos pela clava do significante, assim não se tornando domesticados como ovelhas e cães pastores. Ao contrário, esse fato gerou nos habitantes que sobreviveram ao inverno glacial um terror que antes fora instaurado pelos predadores terrestres, pois, além de os dragões terem criado um território para a sua caça, alguns deles voavam e expeliam um gás combustível, à base de hidrogênio e nitrogênio, inflamado pela ação de resíduos de platina que eram retirados das rochas e armazenados entre os dentes. Ao atritar esses pedaços de platina, uma faísca servia como detonador do gás expelido. Por conta dessa impossibilidade em domesticá-los, os dragões foram introduzidos no contexto medieval do cristianismo para caracterizar a figura demoníaca, cuja proporção era ligada à configuração do pecado.¹² Desse modo, o dragão foi um elemento que se colocou numa tal posição que o falo no nome não o conseguia abranger, mas dava espaço para a expressão nômade do significante mestre, através do registro tatuado na pele.

A partir dessa fonte clínica e da referência arqueológica, o pai que realizou o nomadismo, saindo de casa, foi substituído pela descendência primeva do dragão, cujo interesse erótico estava voltado para a chamada *Drag-Queen*, safada e rapariga. Por fim, no sonhado, viu-se o quanto essa pessoa estava procurando uma saída para suportar a expressão da angústia de sua mãe, orientada para um discurso que se assemelhava ao fogo, pois queimava a audição de quem a circundava. Era uma mãe que expelia o fogo ardoroso de sua angústia, através de palavras que só podiam ser

¹² É o que é encontrado em certas imagens em que São Jorge aparece sobre um cavalo e dirigindo sua lança para um dragão. Também Glauber Rocha intitula um de seus filmes referindo-se ao dragão (“O dragão da maldade contra o santo guerreiro”, 1969), concernindo ao que ocorria aos sertanejos nordestinos na ação espoliadora que era feita tanto pelos latifundiários como pelos cangaceiros. Nesse sentido, Rocha determinou: “O Dragão inicialmente é Antônio das Mortes assim como São Jorge é o cangaceiro. Porém, depois, o verdadeiro dragão é o latifundiário, enquanto o Santo Guerreiro se transforma no professor quando pega as armas do cangaceiro de Antônio das Mortes.” (Revolução do Cinema Novo).

contidas pela inscrição na pele do que estava no fora/dentro da linguagem, pois, assim, era viável tanto nomadizar o falo como emusgar o significante mestre, pela via do recalque, levando ao enternecimento do nome. A respeito da angústia da mãe, o dragão mediou a via que envolve o sadismo, o qual seria imaginariamente executado pela pessoa do sonhado. Enfim, não era tal pessoa a agente sádica que produzia a angústia no Outro-Mãe.

Por conta disso, o nomadismo/emusgamento é aclimatado à passagem que parte da relação fálica ao ser e ao ter. O “não tem, sem sê-lo” e o “não é, sem tê-lo” que dimensionam o lugar edípico do falo, não iria abranger a totalidade da angústia dessa mãe. Foi preciso o batismo dragônico para colocar a pessoa numa posição relacionada ao enternecimento do nome que dava conta do afeto concernente a tal angústia. Daí, o enternecer vira um “ensemeter” como duas maneiras de se articularem os nomes-do-pai, causadas pela despersonalização daquele que fora embora, mas que tivera sido enigmatizado na referência ao traço demandado pela mãe ofendida. O pai é enternecido em sua via nômade, num fora da dimensão do saber, o qual é registrado na pele para que a pessoa possa se defender das exigências de sua mãe.

Seguindo a trajetória conceitual que envolve o analítico, vê-se que o lastro fálico vai desde o referencial edípico até à divisão presente na relação que envolve o ser e o ter. Trata-se do que emana nos discursos dos analisantes, desde que suas linguagens sejam baseadas em marcos que as têm emusgadas, mas que não registrem as perspectivas concernentes ao nomadismo abandonado após o aterramento. Esses termos estão escritos pelos três momentos em que aparece o pai, indo desde o estado edípico até o ser e o ter que concernem ao falo:

M	P	Metáfora paterna	Não é, sem tê-lo
		NP 1	Não tem, sem sê-lo
C	Φ	$\overline{\varphi}$	

Por outro lado, há o sentido que caracteriza o nomadismo presente na linguagem aterrada, a respeito do enternecimento do nome que permite verificar a errância do “ser” e do “ter”, sem a fixidez fálica que Lacan estabeleceu. Trata-se de dois caminhos móveis, os quais podem apresentar-se como:

Em ter, nem ser

Em ser, nem ter

Dessa forma, vê-se que o enigma dos nomes e a subjetividade inconsciente são ordenados a partir da garantia que consiste em proceder segundo o que vem como lei no campo do Outro, conforme uma linguagem articulada pela via do endereçamento, mas garantindo a **fixidez errante do pai**. O que é legislado tem as vias abertas para o trânsito da mensagem constituída por uma linguagem que traz o gérmen do nomadismo/emusgamento no contexto do marco construído pela emissão de um conteúdo, revelando, a todo instante, o sentido arbitrário da lei. Trata-se de um sentido que se impõe como a medida do Outro. Daí, a subjetividade inconsciente tem que assimilar a proporção dessa lei, devendo ir além do nó levógiro/dextrógiro, perpassando a perspectiva que se refere ao par fundamental de aterramento/nomadismo do pai.

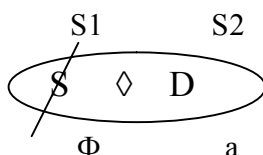
$\Phi/S_1 = \text{Nomes do pai}$

A partir do referido sonhado, o que dimensionou a imagem da mãe-rainha-dragão, cuja posição refletia o provimento de quem sonhou com a ovelha domesticada e sacrificada, foi a ênfase numa boca que vociferava ardorosamente a chama da angústia. Assim, essa pessoa que não suportava as imprecações da mãe ofendida, com o batismo dragônico, permitiu até se nutrir com o sacrifício da ovelha, pois o S_1 não a domesticou pela ação do Saber (S_2).

Ao lado do sonhado, que nutria essa pessoa com uma série de significações que a fazia proferir um discurso absolutamente extensivo sobre a tatuagem, chegou a supor uma espécie de fraternidade entre os que tinham os seus dragões na pele. Na seqüência, a imagem do dragão lhe deu as variações para designar que o bem e o mal estariam expostos na tatuagem, a qual poderia servir como um amuleto. Nisso atendia ao dito: “Os contrários curam-se com os contrários” (*Contraria contrariis curantur*). A insígnia do pecado (dragão) afastaria o mal que pudesse estar próximo, conforme a caracterização do texto de Freud sobre a Medusa (“A cabeça de Medusa”, 1922). Por fim, o sintoma recobre o Real na proporção de uma exterioridade, que não é a do prazer imaginário da profusão de

significações do simbólico, mas a confrontação com o que quer uma mulher, cuja formulação reflete o sentido proferido ante o abandono. A angústia tomou a forma de ódio que, no cotidiano, se apresentou num discurso repetitivo sobre a mulher outra, mas visando uma outra mulher. Assim, caía por terra a natureza supostamente sádica daquele que abandonou. Nesse caso, a mãe agredia toda e qualquer regência fática, considerando-a incapaz de dar conta da lei no Outro, mas não observava que também o S1 intercede nessa ordenação.

A partir da fixidez do falo, em sua dimensão simbólica, e da errância do significante mestre, o sintoma dá o sentido do enternecer do nome. Trata-se do “Não é, sem tê-lo – Em ter, nem ser” e do “Não tem, sem sê-lo – Em ser, nem ter”, qualificando o nome através da fixidez errante do pai, acerca das marcas tatuadas que levam uma pessoa ao contexto de poder se irmanar comunitariamente, tendo a subjetividade submetida pela falta em direção à demanda do Outro. Desse modo, a pulsão como um conceito fundamental para a escuta do analítico, tal como é exigido pela demanda do Outro, fica contornada pelos termos que compõem os discursos instituídos por Lacan, a partir do Mestre.¹³



Do traço errante, que concerne à subjetividade inconsciente, vem o saber que se institui fixamente na demanda do Outro, o qual é submetido à falta na formação discursiva. Já do aterramento fático, vem o objeto “pequeno a”, em sua mobilidade e como produto ou resto na linguagem. Trata-se da perspectiva de só se poder caracterizar a pulsão a partir da lei no Outro em sua fixidez errante, reunindo o contraditório concernente ao falo e ao significante mestre. Nesse caso, o discurso do mestre, como efeito de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, traz a demanda do Outro que constitui a subjetividade na ação de uma linguagem e requer a pulsão como um conceito necessário à expressão discursiva de quem se inclina no sentido do analítico. A

¹³ Cf “O avesso da psicanálise”, 1969-1970. O sentido dado ao fato do discurso do mestre contornar a fórmula da pulsão é extensivo aos outros três discursos, pois só há laço se for na dependência à demanda do Outro.

estrutura de linguagem do inconsciente é a deliberada pela pulsão, de modo a considerar que os nomes do pai são ambientados a partir do nó borromeano e colocam a lei no campo do Outro, na proporção de requerer a declaração da fixidez errante como destino da escuta ao analítico. No que do lado subjetivo há os nomes do pai, conforme a fixidez errante, do lado da Demanda do Outro o saber é tomado como um marco usado para a abrangência discursiva, enquanto o objeto “pequeno a” flui no próprio sentido do que é próximo e caseiro (*Heim*), mas estranho.¹⁴

¹⁴ Referência ao texto de Freud “Estranho” (1919), o qual Lacan indicou como adequado na qualificação de certos aspectos da angústia, conforme expôs numa das lições do seminário de 1962/63.